

## Poesia e exposição técnica em *Aetna*, poema didático romano

### Poetry and technical exposition in *Aetna*, a Roman didactic poem

MATHEUS TREVIZAM<sup>1</sup> (*Faculdade de Letras da UFMG — Belo Horizonte — Brasil*)

**Abstract:** In this article, we will discuss how the exposition of technical matters pertaining to vulcanology, as presented in the Roman work *Aetna*, is combined with some poetic devices that the anonymous author has skilfully resorted to. Hence, the careful planning of the proemium entices the public and facilitates access to the text, whereas the anthropomorphization of nature, the similes and the evocation of Mount Etna sounds included in the poem are procedures which enhance the understanding of the "scientific" theories set forth in the text and make the public acquainted with unfamiliar information.

**Keywords:** didactic poetry; Etna; "scientific" theory; expressiveness; tradition.

#### 1. Introdução

No poema chamado *Aetna*, composto em Roma, provavelmente, durante a segunda metade do séc. I d.C.<sup>2</sup>, temos um artefato complexo: de um lado, trata-se da única obra conhecida, de toda a Antiguidade greco-latina, a concentrar-se na exposição técnica sobre um assunto tão especializado quanto o vulcanismo — VOLK (2005) 73; de outro, comportando-se textualmente como espécime da tipologia didática da Literatura Clássica, de acordo com uma tradição iniciada pelo Hesíodo d'Os trabalhos e os dias —

---

Texto recebido em 05.05.2020 e aceite para publicação em 26.10.2020. Este artigo é parte dos trabalhos de pesquisa que desenvolvemos no Departamento de Linguística do IEL-Unicamp (Campinas, SP/Brasil) entre agosto de 2019 e julho de 2020, em estágio pós-doutoral supervisionado pelo prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos. Agradecemos a este professor pela motivação para a escrita deste texto e por sua generosidade acadêmica.

<sup>1</sup> matheustrevizam2000@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Hodiernamente, entende-se que o *terminus post quem* de *Aetna* não pode ser prévio à publicação do *De rerum natura* de Lucrécio (51 a.C. ?), de que é tributário em vários elementos de sua trama poética, bem como que seu *terminus ante quem* não é posterior a 79 d.C., ano da catastrófica erupção do monte Vesúvio — VOLK (2005) 70. De outro modo, como compreender que uma obra como *Aetna*, em sua específica delimitação de conteúdo, pudesse ter omitido por inteiro qualquer referência a um evento geológico tão significativo, como de fato ocorre? Enfim, a questão da autoria de *Aetna*, apesar da eventual inclusão do texto na *Appendix Vergiliana*, permanece em aberto.

TOOHEY (1996) 21 et seq. —, essa obra, com aproximados 644 hexâmetros datílicos, assume traços associáveis à poesia e incorpora a seus versos rica teia de alusões a autores do passados, recursos sonoros e imagética expressiva.

Vale a pena lembrarmos que a Antiguidade não concebeu a poesia e a veiculação de saberes, ou mesmo certa dimensão ética, como algo separado. O exemplo das valorações sobre Homero, em âmbito grego, exemplifica bem esse modo apreciativo a respeito do que fosse o significado da contribuição dos poetas para as respectivas sociedades em que viveram e produziram. Desde o conhecido ensaio de Werner Jaeger, desse modo, habituamo-nos a ver em tal vate helênico um verdadeiro “educador de toda a Grécia”: nas palavras do erudito germânico, o próprio Platão reconheceu ser a opinião geral, em sua época, que cabia a Homero semelhante papel de destaque no quesito “pedagógico”<sup>3</sup>. Isso, por sinal, não foi completamente abalado sequer pelas conhecidas críticas platônicas no sentido de “buscar limitar o influxo e o valor pedagógico de toda a poesia” — JAEGER (2003) 61.

Além do fato de os épicos homéricos terem recebido credibilidade educativa porque certos modelos de conduta humana que retratavam foram por muito tempo compreendidos, entre os gregos, como “exemplares” — JAEGER (2003) 62-63 —, também não é desprezível a valorização que lhes coube — ou às obras de outros poetas — como fontes eventuais para a obtenção de saberes técnicos (sobre a estratégia militar, a agricultura, a geografia etc.). Como se lembra Dalzell,

*Platão nos conta que os admiradores de Homero o viam como autoridade em todos os assuntos técnicos, bem como em moral e religião. Os capítulos iniciais da Geografia de Estrabão argumentam com grande força e convicção que Homero era um especializado geógrafo que nos legou informação detalhada e acurada sobre o mundo Mediterrâneo. O rapsodo no Íon de Platão (541) afirma ser o melhor dos generais porque tem a maior familiaridade com Homero. Segundo Aristófanes (As rãs*

---

<sup>3</sup> JAEGER (2003) 61: “Platão, *Rep.* 606 E, pensa nos ‘adoradores de Homero’, que o enaltecem não só como fonte de prazer artístico, mas também como guia de vida. Idêntica visão em XENÓFANES, frag. 9 Diehl” (trad. Artur M. PARREIRA).

1031-6), *pode-se aprender sobre agricultura com Hesíodo, sobre medicina com Museu e sobre as artes da guerra com a épica*<sup>4</sup>.

Na sequência deste artigo, então, pretende-se explicar como se dá o balanceamento entre a transmissão de saberes especializados e o emprego dos recursos poéticos em *Aetna*, de acordo com a compreensão da existência de articulações entre esses dois polos do texto. Em nosso entendimento, alguns traços constitutivos do estrato poético dessa obra — como a cuidada elaboração do proêmio (v. 1-93), a seguida antropomorfização de elementos inanimados da Natureza, as comparações e certos efeitos de evocação do referente (o próprio vulcão) pelos significantes (as palavras que o descrevem) — aliam-se a seus propósitos didáticos, contribuindo para tornar o “curso” de vulcanologia correspondente mais palatável e compreensível para o público.

## 2. O *lepor* da poesia no proêmio de *Aetna*

Em termos descritivos, o proêmio de *Aetna* pode ser compreendido como uma longa sequência de 93 versos, a contar com estas respectivas partes: a. uma *propositio* do assunto vulcanológico (v. 1-4); b. a invocação a Apolo e às Musas (v. 4-8)<sup>5</sup>; c. a *recusatio*, para tema dessa obra, dos mitos vinculados à Idade Áurea, a Medeia e Jasão, à Guerra de Troia, às vicissitudes do conflito entre Tiestes e seu irmão, Atreu, bem como a Cadmo (o fundador lendário de Tebas) — v. 9-23; d. nova *propositio* do vulcanismo atinente ao monte Etna como foco dos ensinamentos do poema (v. 24-28); e. o descrédito

---

<sup>4</sup> DALZELL (1996) 10: *Plato tells us that Homer's admirers regarded him as an authority on all technical matters as well as on morals and religion. The opening chapters of Strabo's Geography argue with great force and conviction that Homer was an expert geographer who gave us detailed and accurate information about the Mediterranean world. The rhapsode in Platos's Ion (541) claims to be the best of generals because he has the greatest familiarity with Homer. According to Aristophanes (Frogs 1031-6), one can learn about agriculture from Hesiod, about medicine from Musaeus, and about the arts of war from the epic.*

<sup>5</sup> *Aetn.* 4-8: (...) *Dexter uenias mihi, carminis auctor, / seu te Cynthos habet, seu Delo gratior Hyla, / seu Dodona tibi potior, tecumque fauentes / in noua Pierio properent a fonte sorores / uota: per insolitum Phoebos duce tutius itur.* — (...) *Vem auxiliar-me, ó instigador da poesia, / quer te tenha Cinto, quer Hila mais doce que Delos, / quer Dodona preferível. E contigo as musas irmãs, / favoráveis a meus novos votos, se apressem da fonte Piéria: / sendo Febo o guia, vai-se mais seguro pela novidade.*

da lenda que ligava as erupções desse vulcão à existência da forja de Vulcano em seu interior (v. 29-35); f. novo descrédito de outra lenda relacionável ao Etna, desta vez aquela em nexa com a Gigantomaquia (v. 36-74); g. rejeição ao plano da fantasia de vários mitos vinculados ao reino de Dite, ou seja, os suplícios de Títio, Tântalo e Ixião e as magistraturas de Minos e Éaco, além de à esfera de Júpiter (amores desse deus com Europa, Leda e Dânae) — v. 75-90; h. reafirmação, através do gesto de expor o funcionamento vulcânico em termos naturais, de um compromisso com a verdade — *omnis/ in uero mihi cura (todo/ meu cuidado está na verdade)*, em contraste com tantas “mentiras” de outros vates — v. 91-93.

Entre esses elementos, a *propositio* e a invocação aos deuses constituem ingredientes tradicionalíssimos dos proêmios na Antiguidade: desde a épica homérica, com efeito, elas se encontram presentes em muitas obras de sucessivos poetas gregos e romanos. Homero, assim, pedia em *Il.* 1.1-5 e em *Od.* 1.1-5 — sempre à deusa/Musa — que fosse respectivamente auxiliado no canto da “cólera de Aquiles” e dos “feitos do herói astucioso”/Odisseu; na Literatura latina, o exemplo mais conhecido diz respeito à invocação e “conjugada”<sup>6</sup> *propositio* da *Eneida*.

A invocação aos deuses, especialmente, assume tal importância na História da poesia antiga que até em *De rerum natura*, obra afim à exposição *materialista* dos princípios organizadores do Cosmos, em conformidade com as ideias do Epicurismo abraçadas por Lucrécio, a abertura do texto acolhe o famoso “Hino a Vênus”<sup>7</sup>. Os problemas interpretativos relacionados à expli-

---

<sup>6</sup> VASCONCELLOS (2001) 192: “Sérvio, como já vimos, também salienta a divisão em duas partes; comentando o primeiro verso da epopeia vê na expressão *arma uirumque* uma espécie de inversão estrutural, afinal Virgílio iniciou com uma referência a guerras e ao peregrinar do herói, mas ‘Primeiro fala dos erros de Eneias; depois da guerra’”.

<sup>7</sup> Lucr. 1.21-27: *Quae quoniam rerum naturam sola gubernas/ nec sine te quicquam dias in luminis oras/ exoritur neque fit laetum neque amabile quicquam,/ te sociam studeo scribendis uersibus esse/ quos ego de rerum natura pangere conor/ Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni/ omnibus ornatum uoluisti excellere rebus.* — Como, assim, sozinha governas a Natureza das coisas/ e sem ti nada nasce às divinas margens/ da luz, nem nada se torna alegre nem amável,/ desejo que acompanhes a escrita de meus versos,/ que tento compor sobre a Natureza das coisas/ para nosso Memiada: tu, ó deusa, em todo tempo/ quiseste que ele se destacasse, honrado em tudo. Nessa passagem, segundo notamos, Vênus, sendo chamada a “auxiliar” o poeta no

cação desse descompasso entre o conteúdo essencial do poema lucreciano e os versos do “Hino”, que o iniciam, mobilizaram muitas tentativas de interpretação por parte dos críticos.

GALE — (2003) 35-36 —, então, evita a leitura literal do conteúdo mítico dessa passagem do autor epicurista e prefere compreender a figura de Vênus, conforme a divisamos em seus versos, como imagem “compósita” e “simbólica”, sendo associável a “tudo o que é positivo no mundo natural (as forças da atração sexual, nascimento e crescimento; da criatividade e prazer; da paz de espírito epicurista)”<sup>8</sup>. Marte, por sua vez, que se delineia pela letra do mesmo “Hino” como um “amante” a ser apaziguado pelos beijos da deusa, assumiria ali funções de representar forças contrárias, como a destruição e a contenda — GALE (2003) 36.

De todo modo, dizíamos, é notório o gesto de Lucrécio de operar desde o início, compondo essa obra, de acordo com uma série de convenções literárias que remontam não apenas ao Hesíodo d’*Os trabalhos e os dias*<sup>9</sup>, mas ainda à épica de Homero e Ênio<sup>10</sup>. Já se discutiu — MURLEY (1947) 336 et seq. —, a propósito, como certos procedimentos de escrita adotados ao longo do *De rerum natura* — repetições de “fórmulas”<sup>11</sup> ou versos inteiros, emprego de

---

processo de escrever um poema sobre História natural para Mêmio, seu amigo e dedicatário do texto, assume papel similar ao de uma verdadeira Musa. A ela ainda se tecem elogios, por sua “influência” sobre certos aspectos primaveris do Cosmos — o nascimento de flores e animais, a beleza do céu sereno etc. (v. 6 et seq.) — e há o pedido de garantia da paz para os romanos (v. 40).

<sup>8</sup> GALE (2003) 35: ... *all that is positive in the natural world (the forces of sexual attraction, birth and growth; of creativity and pleasure; of Epicurean Peace of mind)*.

<sup>9</sup> Hes. *Erg.* 1, lembramos, invoca as “Musas da Piéria”, a fim de que narrem de Zeus, seu pai.

<sup>10</sup> VASCONCELLOS (2014) 38-39: “É significativo que, num processo de maior proximidade com o modelo homérico, em vez de evocar as Camenas, Ênio [no início dos *Annales*] invoque as Musas: *Musae quae pedibus Magnum pulsatis Olympum*. (frag. 1) — ‘Musas, que com os pés bateis o grande Olimpo’.

<sup>11</sup> Veja-se, por exemplo, a repetição aproximada de *efficis ut* (“fazes com que”, v. 20) e *effice ut* (“faze com que”, v. 29), sempre em início dos respectivos versos do “Hino a Vênus”. Acrescentamos que o uso de compostos como *nauigerum* (“portador de naus”, v. 3) e *frondiferasque domos* (“moradas doadoras de ramos”, v. 18), nesse “Hino”, não deixa de ser evocativo da dicção homérica ou dos poetas romanos arcaicos.

símiles estendidos, a própria “heroicização” de Epicuro... — parecem aproximar tal texto dos padrões expressivos da épica heroica e narrativa. Com isso, acredita Murley, sua dicção se eleva e “a sublimidade é o atributo sentido, com a maior frequência, em Lucrecio”<sup>12</sup>.

No tocante ao “Hino a Vênus”, realmente se observa que sua tessitura poética assume delicados contornos, como se a suavidade de Vênus e dos processos cósmicos adjacentes fossem evocados pela própria forma:

*De ti, deusa, de ti fogem os ventos, de ti e de tua  
vinda as nuvens do céu, para ti a terra hábil  
estende flores, para ti riem os plainos do mar  
e brilha o céu sereno com luz difusa.  
Em face, pois, da beleza primaveril do dia,  
livre e forte a brisa fecundante do Favônio,  
primeiro as aves do céu a ti, deusa, e a tua  
chegada indicam, enamoradas de teu poder.*<sup>13</sup>

Nessa passagem, justamente, em que é mencionado o poder de Vênus como força que perpassa todos os ambientes do mundo, sejam eles o celeste (v. 6), o terreno (v. 7) ou o aquático (v. 8), destacam-se no original latino, além das belas imagens do tempo luminoso, do chão recoberto de flores e do gorjeio das aves, recursos como a insistência do poeta em empregar tantos pronomes (pessoais ou possessivos) cujo referente é a deusa. Além disso, ganha relevo sonoro a aliteração em /t/ — com nada menos que trinta ocorrências ao longo do trecho latino —<sup>14</sup>, como se a força encantatória da divindade imbuísse por inteiro os elementos descritos e esses versos<sup>15</sup>. Então,

<sup>12</sup> MURLEY (1947) 337: *Sublimity is the quality most often felt in Lucretius.*

<sup>13</sup> Lucr. 1.6.13: *Te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli/ aduentumque tuum, tibi suavis daedala tellus/ summittit flores, tibi rident aequora ponti/ placatumque nitet diffuso lumine caelum./ Nam simul ac species patefactast uerna diei/ et reserata uiget genitabilis aura fauoni,/ aerae primum uolucris te, diua, tuumque/ significant initum percussae corda tua ui.*

<sup>14</sup> Com menor sutileza, por vezes, os poetas arcaicos de Roma já tinham valorizado as aliterações como marca de seu estilo. Veja-se VASCONCELLOS (2014) 41: “Um exemplo famoso de aliteração eniana é o verso: *O Tite, tute Tati tibi tanta tyranne tulisti!* (fr. 109) — ‘Ó Tito Tácio, tu mesmo para ti atraíste tamanhos infortúnios!’ Além da aliteração da dental /t/, note-se a alternância *Ti/te/tu/te/ti/ta/ty/tu/ti*”.

<sup>15</sup> O pronome pessoal latino *te* (“te”), ainda, ecoa em Lucrecio internamente às palavras *tellus* (v. 7), *nitet* (v. 9) e *patefactast* (v. 10); o pronome pessoal *tibi* (“para ti”) em

parece-nos, o “encanto” (*lepore*, v. 15), que é um atributo de Vênus e a ela se pede como dom para os versos da obra (*aeternum da dictis, diua, leporem — encanto eterno, deusa, dá a minhas palavras*, v. 28), de fato acaba incorporado à dicção lucreciana.

Uma resposta possível para os motivos da aquiescência de Lucrécio à sedução da poesia, apesar das sérias reservas de Epicuro em relação a ela<sup>16</sup>, encontra-se em *De rerum natura* 1.936-950. Nesse conhecido ponto do poema, com efeito, o poeta emprega uma comparação entre o modo de administrar seu “remédio” filosófico ao público — ou seja, recorrendo à beleza poética, apesar de alguma previsível repulsa diante da dificuldade, ou mesmo estranheza, das doutrinas que aborda —<sup>17</sup> e a estratégia dos médicos astutos, quando têm de tratar de crianças doentes. Em tais circunstâncias, semelhantemente, esses médicos besuntam com mel as bordas da taça de absinto/remédio amargo que será indispensável administrar aos enfermos, com isso fazendo-os, em boa medida, esquecer-se de um sofrimento momentâneo, mas que lhes trará incontáveis benefícios no futuro.

Guardadas as devidas diferenças, a elaboração formal e narrativa do proêmio de *Aetna*, uma obra, assim como *De rerum natura*, devotada em seu

---

parte ecoa em *uenti* (v. 6), *summittit* (v. 8) e *ponti* (v. 8); os pronomes possessivos *tuum* e *tua* (“teu” e “tua”), por sua vez, ecoam parcialmente em *aduentum(que)* — v. 7 —, *placatum(que)* — v. 9 — e *initum* (v. 13). Em conjunto, todos os “ecos” citados contribuem para reforçar a sonoridade expressiva do pequeno trecho lucreciano em pauta, aparentemente se associando aos pervasivos efeitos e presença da deusa Vênus.

<sup>16</sup> GALE (1994) 14: *His hostility to poetry is widely attested. Plutarch reports references to “poietiké týrbe” (‘the hubbub of poets’) and “Homérou morologémata” (‘Homer’s foolish babbling’), and Heraclitus claims that he rejected all poetry as “oléthrion mýthon délear” (‘the deadly snare of mythoi’). — Sua hostilidade à poesia é amplamente atestada. Plutarco relata referências a “poietiké týrbe” (‘o burburinho dos poetas’) e “Homérou morologémata” (‘balbucio idiota de Homero’), e Heráclito alega que ele rejeitou toda poesia como “oléthrion mýthon délear” (‘o laço mortal dos mýthoi’).*

<sup>17</sup> Lucr. 1.943-946: *Sic ego nunc, quoniam haec ratio plerumque uidetur/ tristior esse quibus non est tractata, retroque/ uolgens abhorret ab hac, uolui tibi suauiloquentel carmine Pierio rationem exponere nostram (...)* — *Assim eu agora, como esta doutrina em geral parece/ ser bem ingrata a quem não se habituou, e afastado/ o povo tem horror a ela, quis para ti com suauiloquentel canto Piério expor nossa doutrina (...).*

núcleo significativo a oferecer explicações naturais — não míticas —<sup>18</sup> para o fenômeno do vulcanismo, guarda semelhanças com a função do “Hino a Vênus” lucreciano e, ainda, com as aberturas dos livros ímpares das *Geórgicas* de Virgílio. Dessa maneira, como forma de cativar o público para que adentre a leitura desse texto de conteúdo bastante técnico<sup>19</sup> e até incomum, dissemos, atrativos afins ao diálogo com a tradição (épico-)didática da Literatura greco-latina, o mito (quase paradoxalmente) e a construção poética cuidada se fazem presentes na obra vulcanológica em jogo.

Em seu movimento inicial, a saber, a *propositio* de v. 1-4 recupera proximamente v. 1-5 do primeiro livro das *Geórgicas*:

*O Etna, as chamas que irrompem de ocas fornalhas,  
que causas tão fortes rodopiam incêndios, por que  
brame poderosamente e por que retorce roucos ferveores  
será meu poema. (...)*<sup>20</sup>

*O que faz férteis as searas, sob qual astro a terra  
revolver, Mecenas, e unir as videiras aos olmos  
convém, qual trato aos bois, que cuidado para ter  
rebanhos, quanta experiência às abelhas frugais  
daqui começarei a cantar. (...)*<sup>21</sup>

<sup>18</sup> PAISLEY; OLDROYD (1979) 3: *We are now introduced to Aetna's major theoretical premise — that earthquakes and volcanoes arise from the action of winds within the Earth. Aetna itself, seemingly, bears direct witness to this hypothesis, for it contains 'vast openings which terrify and plunge in an abyss'. — Agora, somos apresentados à principal premissa teórica de Aetna — que terremotos e vulcões surgem da ação dos ventos dentro da Terra. Pelo que parece, o próprio Etna testemunha diretamente essa hipótese, pois contém 'vastas aberturas que aterrorizam e mergulham em um abismo'.*

<sup>19</sup> Os grandes blocos de tratamento temático técnico, em *Aetna*, são v. 94-217 (sobre as galerias subterrâneas e naturais de passagem para água, ar e fogo); v. 281-383 (sobre os ventos subterrâneos, causas das erupções vulcânicas e terremotos, segundo os antigos); v. 384-566 (sobre a formação das chamas do monte Etna e seu principal “combustível”, a rocha chamada vulcanito).

<sup>20</sup> *Aetn.* 1-4: *Aetna mihi ruptique cauis fornacibus ignes/ et quae tam fortes uoluant incendia causae,/ quid fremat imperium, quid raucos torqueat aestus,/ carmen erit. (...)*

<sup>21</sup> Verg. G. 1.1-5: *Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/ uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis/ conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/ sit pecori, apibus quanta experientia parcis,/ hinc canere incipiam. (...)*

Como observou Arturo de Vivo — (1992) 669 —, o “esquema [do trecho supracitado de *Aetna*] reproduz a *propositio* do livro I das *Geórgicas*: série de interrogativas indiretas (...) dependentes do sintagma verbal que conclui o período”.<sup>22</sup> Não se trata, contudo, de uma “reprodução” exata, pois as *quatro* interrogativas indiretas de Virgílio eram objetos do “sintagma verbal” referido, enquanto, em *Aetna*, as *três* interrogativas são predicativos do verbo de ligação de v. 4. Além disso, o anônimo autor da obra de vulcanologia coloca a palavra *Aetna* como primeiro termo de toda a composição, com isso lhe atribuindo grande destaque no texto.

O proêmio desse poema também inova, no cotejo com o legado virgiliano, porque, quando introduz em v. 9-23 a suposta *recusatio* dos temas míticos que citamos, estabelece em um único todo conexões inclusive com o início do terceiro livro das *Geórgicas* — DE VIVO (1992) 673. Naquele contexto, os temas recusados eram *Eurysthea durum* / “duro Euristeu” (v. 4), *inlaudati... Busiridis aras* / “os altares do infame Busíris” (v. 5), *Hylas puer* / “o menino Hilas” (v. 6), *Latonia Delos* / “Delos de Latona” (v. 6), *Hyppodameque... Pelops* / “Hipodâmia” e “Pélope” (v. 7), de modo que nenhum deles coincide com as lendas “preteridas” em *Aetna* (a Idade Áurea, Medeia e Jasão, a Guerra de Troia, os Átridas e aventuras de Cadmo).

Por outro lado, os motivos de um e outro poeta ao buscarem empresas poéticas distintas da mitologia<sup>23</sup> eram, para Virgílio, uma tentativa de livrar-se do desgaste a ela associado, depois da abordagem contínua, já, por tantos autores (v. 3-9). Para o anônimo, por sua vez, sua preterição também diz respeito a que intentaria evadir-se da “futilidade” de assuntos similares, pois,

---

<sup>22</sup> DE VIVO (1992) 669: *Lo schema riproduce la propositio al I libro delle Georgiche: serie di interrogative indirette (...), dipendenti dal sintagma verbale che conclude il periodo (...)*.

<sup>23</sup> O terceiro livro das *Geórgicas* tem como objetivo temático dar preceitos em nexos com a pecuária de grandes e pequenos animais. Por isso, os conteúdos de Virgílio nessa parte de seu poema didático são, como anunciados em v. 1-2, *magna Pales* / “grande Pales”, *pastor ab Amphrysol* / “pastor do Anfriso” e *silvae amnesque Lycaei* / “bosques e rios do Liceu”. Então, como Pales era uma divindade pastoril romana, o “pastor do Anfriso” correspondia ao próprio Apolo, em “disfarce” temporário de boieiro, e o último ambiente aludido se associa a campos, ganha-se em coerência entre esse proêmio e o desenvolvimento temático do restante do terceiro livro geórgico.

como afirma em v. 29, muitos vates de ciclos lendários “mentem”<sup>24</sup>, enquanto seu objetivo, no pequeno poema que inicia, antes diz respeito ao desvendamento das causas “reais”, ou físicas, do vulcanismo (v. 24-28).

Ao mesmo tempo em que o poeta de *Aetna* diz “rejeitar” os mitos, nada menos que 77 versos de seu longo proêmio são preenchidos com assuntos a isso relacionados, de modo, no mínimo, que uma pequena referência se faça a tantas histórias. Nesse processo paradoxal, destaca-se o relato da Gigantomquia (v. 36-74), por sua extensão e por constituir célebre assunto da poesia (e da arte) antiga em geral, tendo sido, inclusive, tocado por Hesíodo em *Theog.* 183 et seq. e, antes, por Homero em *Od.* 6.233. Lembramos, ainda, que o mito assim “rechaçado” no começo da obra torna a irromper em pontos posteriores do texto<sup>25</sup>, mesmo em seu epílogo, o qual se identifica com a narrativa sobre os dois *pii fratres* / “irmãos piedosos” de Catânia, que arriscaram as próprias vidas para salvar os pais idosos durante uma erupção do monte Etna, na Sicília, e foram, por isso, miraculosamente poupados pelas chamas devoradoras da localidade<sup>26</sup>.

Semelhante “indecisão” do anônimo autor de *Aetna*, por sinal, levou Gian Biagio Conte, no ensaio denominado “Nostalgias de um iluminista”, a reconhecer que ele, em vez de mostrar um desprezo epicurista por crenças falsas, entrega um tom de complacência, como se a verdade não o tivesse esclarecido até o fim e o mito — fraqueza irracionalista restante — continuasse, ainda, a atraí-lo<sup>27</sup>. As declarações do crítico italiano tocam no problema complexo da dimensão “polifônica” desse poema de vulcanologia — DEL BAÑO (2007) 459 —, em

<sup>24</sup> *Aetn.* 29: *Principio ne quem capiat fallacia uatum. — Primeiro, que a ninguém enleie a mentira dos vates.*

<sup>25</sup> *Aetn.* 202-205: *Ipse procul magnos miratur Iuppiter ignes/ neu sepulta noui surgant in bella Gigantes/ neu Ditem regni pudeat neu Tartara caelo/ uertat, in occulto tantum premit! (...) — O próprio Júpiter, ao longe, admira grandes chamas, / e que não se levantem novos Gigantes a guerras sepultas, / nem se envergonhe Dite de seus reinos, nem erga os Tártaros/ ao céu, tanto se esforça em segredo!*

<sup>26</sup> Esse mito siciliano foi abordado por vários outros autores gregos ou romanos, como Pausânias (*Descr.* 10.38.4), Sêneca (*Ben.* 3.37; 6.36), Marcial (*Epigr.* 7.24.5) e Cláudio Claudiano (*Carm. Min.* 17) etc.

<sup>27</sup> CONTE (2011) 6: *... più che mostrare un disprezzo epicureo per le false credenze, tradisce invece un tono di compiacimento, come se la verità non l'avesse illuminato fino in fondo e il mito — sopravvivate debolezza irrazionalistica — continuasse a lusingarlo ancora.*

que, na verdade, mito e “ciência” — apesar do posicionamento explicitamente racionalista do poeta, por vezes — marcam presença; ocorre incorporação simultânea de pressupostos estoicos e epicuristas; há proposição da Natureza como o único e verdadeiro “espetáculo” para os sentidos humanos (v. 599-601 et seq.), mas, ao mesmo tempo, tem-se a busca de construir o texto como artefato artístico cuidado etc. Contudo, antes nos importa aqui ressaltar que a incorporação de farto material mítico ao próêmio de *Aetna* atende à demanda de cativar o público pela força da fantasia, sem expô-lo crua e imediatamente à mais árida “realidade” do funcionamento físico do vulcão.

No tocante aos cuidados com a poeticidade desse próêmio, fazemos notar no original um detalhe sonoro:

*Com mais coragem, nossa mente arrosta ignota obra.  
Qual o movimento de tamanho vulcão, que causa sempre  
desenvolve as chamas em corpos sólidos, expulsa do fundo  
grandes massas, com ingente ruído, e queima com torrentes  
de fogo tudo o que está próximo: esse é o intento de meu poema.*<sup>28</sup>

Ali se destaca, em contexto de abordagem do *ignis* / “fogo” e de processos combustivos no monte Etna, marcada assonância em /i/. Ora, expressando-se dessa forma, o autor parece ater-se a uma tradição em que se inserem, pelo menos, Virgílio<sup>29</sup> e o historiador Cornélio Tácito<sup>30</sup>. Nos excertos

<sup>28</sup> *Aetn.* 24-28: *Fortius ignotas molimur pectore curas:/ qui tanto motus operi, quae causa perennis/ explicit in densus flammis et trudat ab imo/ ingenti sonitu moles et proxima quaeque/ ignibus irriguis urat, mens carminis haec est.*

<sup>29</sup> Verg. *Aen.* 2.209-211: *Fit sonitus spumante salo; iamque arua tenebant/ ardentisque oculos suffecti sanguine et igni/ sibila lambebant linguis uibrantibus ora.* — Faz-se ruído no mar espumante; já dominavam os campos/ e, injetados de fogo e sangue nos olhos ardentes,/ lambiam com línguas vibrantes as bocas a sibilarem. Trata-se do surgimento de um monstro marinho no litoral de Troia, quando o sacerdote Laocoonte sacrificava a Netuno.

<sup>30</sup> Tac. *Ann.* 15.38: *Sequitur clades, forte an dolo principis incertum (nam utrumque auctores prodidere), sed omnibus, quae huic urbi per uiolentiam ignium acciderunt, grauior atque atrocior. Initium in ea parte circi ortum, quae Palatino Caelioque montibus contigua est, ubi per tabernas, quibus id mercimonium inerat, quo flamma alitur, simul coeptus ignis et statim ualidus ac uento citus longitudinem circi corripuit. Neque enim domus munimentis saeptae uel templa muris cincta aut quid aliud morae interiacebat.* — Segue-se a destruição, sendo incerto se casual ou por dolo do príncipe, pois uma e outra coisa divulgaram os autores: foi mais grave e mais atroz, porém, que todas as sucedidas a essa cidade pela violência do fogo. O começo ocorreu naquela parte do circo que se avizinha dos montes Palatino e Célio, onde pelas tabernas, havendo aquela

aqui citados de todos esses autores, além de tal assonância, há a presença da própria palavra *ignis* sob formas casuais variadas e de diferentes termos que contam mais de uma vez com uma vogal dessa natureza, em sua tessitura sonora. Em *Aetn.* 24, ainda, o adjetivo *ignotas*/ “ignota(s)” como que “anuncia” a preocupação temática do poeta com a abordagem do fogo vulcânico, antes mesmo de surgirem as palavras *flamma*/“chama(s)” e *ignibus*/“fogo(s)”.

Então, sendo o fogo amiúde compreendido, em todas as obras citadas, como algo que *se imiscui* nos espaços, deles se apoderando de maneira irresistível<sup>31</sup>, a vasta difusão da assonância em /i/ nas cenas de “abrasamento” descritas pelos respectivos escritores sempre resulta expressiva, inclusive contribuindo com as inovações do anônimo, diante de seus modelos, e o mito para tornar mais “palatável” e poético o proêmio de *Aetna*.

### 3. Recursos de palatabilidade ou exposição didática ao longo das partes teóricas de *Aetna*

Nesta seção do artigo, expomos alguns recursos empregados pelo anônimo a fim não só de facilitar a “deglutição” da árida teoria vulcanológica que expõe, mas também de contribuir com ela de maneira, efetivamente, explicativa. O primeiro tipo de elemento que desejamos comentar diz respeito à antropomorfização de objetos da Natureza inanimada ao longo de *Aetna*. Certo ensaio de F. R. GOODYEAR — (1984) 361-362 — apresenta uma série de passagens em que se nota, nessa obra, óbvia tentativa de aproximar o fogo, as rochas e o próprio mecanismo interno ao vulcão de distintas esferas da atuação humana:

*Com efeito, por si a violência é quase nada; sempre  
é ágil a natureza do fogo e perene seu movimento;  
mas necessita de auxílio para pôr em ação os corpos:*

---

*mercadoria com que se nutre a chama, o fogo ao mesmo tempo surgiu e logo, vigoroso e veloz por causa do vento, tomou o circo de comprido. Nem, com efeito, casas cercadas por anteparos ou templos cingidos de muros ou qualquer outro meio de retardo se interpunha. A cena descrita por Tácito é a do grande incêndio de Roma, durante o principado de Nero.*

<sup>31</sup> No segundo canto da *Eneida*, evidentemente, o surgimento do monstro de olhos de fogo prelude o próprio incêndio de Troia.

*nenhum ímpeto ele tem; obedece por onde o vento manda.  
Ele é o líder, o fogo milita sob esse grande general.*<sup>32</sup>

*Caso a segurasses com a mão e julgasses pela dureza,  
não pensarias abrasar-se nem que pode difundir a chama.  
Mas, logo que a indagas com o ferro, ela responde e a dor  
do golpe faz soltar faíscas; lança-a em meio a muitas chamas,  
deixa extorquirem sua alma e despe-a da dureza:  
há de fundir-se mais rápido que o ferro, pois tem natureza  
mutável e temerosa do mal, quando entra em luta contra o fogo.*<sup>33</sup>

*Não, contudo, é duvidoso o que contorce o Etna internamente  
ou qual artesão maravilhoso comanda tamanha técnica.*<sup>34</sup>

O primeiro excerto, claramente, vincula-se com outros (v. 366-368; v. 470-474; v. 549-553) à esfera bélico-militar. O segundo, referindo-se a uma rocha chamada, no original latino, *molaris lapis*/"pedra molar" ou "vulcanito" como material aparentemente refratário a abrasar-se, mas, uma vez submetido às chamas, capaz de tornar-se o principal combustível do monte Etna, corresponde com v. 549-553 a um par de trechos aos quais o âmbito legal, ou judiciário, da Antiguidade se relaciona. Com efeito, tem-se a impressão, pela leitura de v. 400-406, que o vulcanito tem de ser "torturado" ao fogo como um escravo sob processo de justiça — VILLAS (2017) 4 —, a fim de expor suas verdadeiras características.

Por fim, em v. 196-197 — com "réplicas" em v. 372; v. 540-546; v. 560-564; v. 600 —, aproxima-se a "torção" dos elementos no interior do vulcão de uma espécie de obra realizada por um *faber*/"artesão", de certo modo se recuperando, apesar das diferenças, a imagem tradicional de Hefesto/Vulcano em seu papel de ferreiro dos deuses, como empregada em

<sup>32</sup> *Aetn.* 212-217: *Spiritus inflatis nomen, languentibus aer./ Nam prope nequiquam per se est uiolentia; semper/ ingenium uelox igni motusque perennis;/ uerum opus auxilium est ut pellat corpora: nullus/ impetus est ipsi; qua spiritus imperat, audit./ Hic princeps magnoque sub hoc duce militat ignis.*

<sup>33</sup> *Aetn.* 400-406: *Quem si forte manu teneas ac robore cernas,/ nec feruere putes ignem nec spargere posse./ Sed simul ac ferro quaeras, respondet et ictu/ scintillat dolor; hunc multis circum inice flammis/ et patere extorquere animos atque exue robur:/ fundetur ferro citius, nam mobilis illi/ et metuens natura mali est, ubi coritur igni.*

<sup>34</sup> *Aetn.* 196-197: *Nec tamen est dubium penitus quid torqueat Aetnam/ aut quis mirandus tantae faber imperet arti.*

*Aetn.* 29-35 e, antes, em Homero (*Il.* 18.462 et seq.) e Virgílio (*Aen.* 8.439 et seq.). Em todas essas ocorrências, acrescentamos, o poeta responsável pela escrita desse texto não inova, pois já Lucrécio — GALE (1994) 118 — e Virgílio geórgico — PERUTELLI (2010) 318 — muito tinham recorrido ao expediente de dotar átomos, plantas, animais etc. de atributos e gestos humanos, com fins básicos de introduzir alguma *uariatio* e “cor” na contínua exposição de seus ensinamentos sobre a Física ou a agropecuária.

Outro recurso que importa explorar, quando se considera o esforço contido no poema vulcanológico de aliar a exposição técnica e os meios da poesia, diz respeito ao emprego de uma específica figura elocutória, ou seja, às comparações. Dadas as características peculiares do objeto tomado, em *Aetna*, como foco do didatismo — o próprio vulcão homônimo, que finca suas raízes nas mais profundas entranhas da terra e, no topo, ascende até as nuvens —, compreende-se com facilidade que nem sempre é possível à voz poética a instruir, de fato, “penetrar” em todos os espaços que necessita descrever, ou, sobretudo, propor ao público que se aproxime e veja com seus próprios olhos absolutamente todos os traços ou fenômenos geológicos sob abordagem<sup>35</sup>. Ainda se acrescente, como fator adicional aos elementos de limitada acessibilidade física a todos os mistérios do monte Etna, que esse vulcão muitas vezes irrompe em chamas, o que, naturalmente, afastaria quaisquer curiosos de suas cercanias nos “interessantes” momentos de explosão e fluxo de lava<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> *Aetn.* 132-136: *Quod si praecipiti conduntur flumina terra,/ condita si redeunt, si qua et iam incondita surgunt,/ haud mirum clausis etiam si libera uentis/ spiramenta latent. Certis tibi pignora rebus/ atque oculis haesura tuis dabit ordine tellus.* — Com efeito, ocultando-se rios na terra/ em abismo, ressurgindo os ocultos e alguns não ocultos/ se mostrando, não admira também se esconderem passagens/ lívres para ventos encerrados. Por seguros indícios, a ti darál a terra as provas ordenadamente, e elas saltarão a teus olhos. Neste ponto do poema, defende-se justamente a condição perfurada de todo o subsolo, até os pontos mais profundos; por suas galerias, então, circulariam ventos, chamas e águas, como se depreende, no último caso, não descendo às mais recônditas camadas da Terra para verificar, mas observando em segurança que, dela, chegam a brotar rios caudalosos na superfície.

<sup>36</sup> *Aetn.* 380-383: *Quicquid in obliquum est, frangunt iter: acrior ictu/ impetus exoritur; magnis operata rapinis/ flamma micat latosque ruens exundat in agros,/ si cessata diu referunt spectacula uenti.* — De tudo o que atravessar, truncam o caminho: surge mais vivo/ o ímpeto com

Não obstante, em seu impulso quase “empirista” de conhecimento, de modo a ser especialmente valorizada nesse poema a experiência sensorial como via de acesso seguro aos fenômenos encontráveis na Natureza<sup>37</sup>, impõe-se muitas vezes em *Aetna* que processos cognitivos assimiláveis ao “ver” (ou a “ouvir”) sejam mobilizados pela voz instrutiva. O subterfúgio encontrado, no texto, para contornar os empecilhos a que aludíamos no parágrafo anterior diz respeito, analogicamente, a estabelecer comparações entre o inacessível — ou quase — e realidades, de fato, bem mais à mão na experiência cotidiana dos homens:

*Por onde quer que se estenda o círculo enorme das terras  
e for cingido pelas curvas ondas dos confins marinhos, não é  
tudo sólido: com efeito, inteiro em fendas se abriu, inteiro  
o solo rachou; cavado fundo em cavernas, forma  
estreitos canais em suspenso. E assim como veias  
errantes percorrem o corpo inteiro de um vivoente,  
por elas circulando todo o sangue para a vida,  
a terra distribui os ares apanhados em voragens.*<sup>38</sup>

*Com efeito, eis como ressoa longamente a orla pelo canto  
de Tritão: certo volume d’água incita a obra; o sopro, superado,  
é posto em movimento e a trompa dá longo mugido.  
E, nos grandes teatros, o órgão emite, com som aquático,  
harmoniosas melodias em ritmo variado, pela técnica do artista:  
ela, empurrando o ar sutil, produz baixo uma remada n’água.  
Não diversamente, a brisa que se move por torrentes,  
enfurecendo-se, luta no aperto, e o Etna dá grandes rugidos.*<sup>39</sup>

o golpe; a chama, tendo feito grandes pilhagens,/ brilha e, precipitando-se, transborda para vastos campos,/ se, após longa inação, os ventos tornam a dar espetáculos.

<sup>37</sup> *Aetn.* 177-179: *Aetna sui manifesta fides et proxima uero est./ Non illic duce me occultas scrutabere causas:/ **occurrent oculis** ipsae cogentque fateri. — O Etna dá prova evidente e verossímil de sua natureza./ Sem minha tutela, ali perscrutarás causas ocultas: elas/ mesmas se **apresentarão a teus olhos** e obrigarão a reconhecer.*

<sup>38</sup> *Aetn.* 94-101: *Quacumque immensus se terrae porrigit orbis/ extremique maris curuis incingitur undis,/ non totum ex sólido est; densit namque omnis hiatu,/ secta est omnis humus penitusque cauata latebris/ exiles suspensa uias agit; utque animanti/ per tota errantes percurrunt corpora uenae,/ ad uitam sanguis omnis qua com meat, isdem/ terra uoraginibus conceptas digerit auras.*

<sup>39</sup> *Aetn.* 292-299: *Nam ueluti sonat ora diu Tritone canoro,/ pellit opus collectus aquae uictusque moueri/ spiritus et longas emugit bucina uoces;/ carmineque irriguo **magnis** cortina*

O primeiro excerto acima nos oferece claríssima comparação entre as profundas galerias do subsolo, sem as quais se tornaria impossível aos antigos explicar o movimento “aéreo” impetuoso na base do próprio Etna e, por conseguinte, suas erupções, e prosaicas veias do corpo humano<sup>40</sup>. Desse modo, por feliz aproximação entre imagens, o público a ser instruído nos arcanos da vulcanologia obtém seguras orientações para que divise, com os “olhos da mente”, tudo aquilo de necessário a seu entendimento dos fenômenos do mundo físico.

O procedimento de iluminar o pouco acessível por meio de comparações ou analogias com o plano do sensorialmente alcançável, notamos, já fazia parte das estratégias didáticas de um Lucrecio, por exemplo. Notabiliza-se, nesse sentido, o trecho referente a *De rerum natura* 2.114-122, no qual o movimento de pequeníssimos átomos encontra um paralelo de maior acessibilidade à visão na imagem banal dos grãos de poeira em suspenso, que se divisam por meio da luz a adentrar um cômodo escuro<sup>41</sup>. Na passagem em jogo, a camada sensorial do visível ainda é reforçada pelas analogias entre tal movimentação atômica e a esfera humana da guerra, como bem notou GALE — (1994) 118.

---

*theatris/ imparibus numerosa modis canit arte regentis,/ quae tenuem impellens animam  
subremigat unda:/ haud aliter summota furens torrentibus aura/ pugnat in angusto et magnum  
commurmurat Aetna.*

<sup>40</sup> Nicoletta F. BERRINO — (2011) 65 —, comentadora da edição italiana de *Aetna*, aproxima o excerto citado do poema de palavras encontráveis em Cícero (*Nat. D.* 3.839) e também em Sêneca (*QNat.* 3.15.1). No último caso, o autor estoico diz que, assim como existem no corpo humano veias e artérias que o sangue percorre, a Terra tem vias prontas a permitir o fluxo aquático — em suas “veias” — e aéreo — em suas “artérias”.

<sup>41</sup> *Lucr.* 2.114-122: *Contemplator enim, cum solis lumina cumque/ inserti fundunt radii  
per opaca domorum:/ multa minuta modis multis per inane uidebis/ corpora misceri radiorum  
lumine in ipso/ et uelut aeterno certamine proelia pugnas/ edere turmatim certantia nec dare  
pausam,/ conciliis et discidiis exercita crebris;/ conicere ut possis ex hoc, primordia rerum/ quale  
sit in magno iactari semper inani. — Examina, com efeito, quando a luz solar e quando/ os raios se  
espalham adentro pela penumbra das casas:/ de muitos modos, no vazio verás muitos corpos/  
diminutos misturar-se à própria luz dos raios/ e, como em certame eterno, acesas batalhas/  
produzirem sem parar lutas com pelotões,/ incitadas por frequentes juntas e separações;/ para  
poderes disso inferir como é/ os princípios das coisas sempre se arrojarem no grande vazio.*

O segundo excerto supracitado, por sua vez, parece-nos dar um passo além em termos da funcionalidade instrutiva contida em *Aetna*. Essa passagem nem sempre é de fácil interpretação, mas conjectura-se que “Tritão” aqui signifique um aparato em cuja boca havia uma trompa movida hidraulicamente, funcionando como espécie de sirene. Ele fora construído por ordem do imperador Cláudio, para anunciar o começo de uma naumaquia realizada em 53 d.C. no lago Fúcinio — BERRINO (2011) 83. “Tritão” e o órgão hidráulico, assim, partilham no contexto a condição de objetos sonoros que se operam pela água. Por isso, aproximam-se ambos de um específico mecanismo do monte Etna, conforme aludido em v. 298-299: referimo-nos, evidentemente, ao fato de os “ventos” que ativam o vulcão também poderem ser “impelidos” terra adentro através da água ou de ondas marinhas (v. 694 et seq.).

Ora, além da analogia explicativa com tais “instrumentos musicais” humanos, ocorre no original latino fortíssima evocação de um aspecto físico do Etna — o próprio ruído abafado que produz —, entre v. 292-299. Note-se, a propósito, como a aliteração em sons nasais — /n/ e, sobretudo, /m/ — nessa passagem, culminando com *magnum commurmurat Aetna/ o Etna dá grandes rugidos*, contribui para o efeito de “harmonia imitativa” que temos apontado<sup>42</sup>. Com isso, aqui se realiza plenamente um instigante processo apontado por Glauthier, ou seja, a própria “transformação” anunciada de *Aetna* (o poema) no Etna (o monte):

*Píndaro e Longino trazem o espetáculo do Etna a seu público, transformando as palavras e sons de suas composições nos detritos ardentes e ondas de choque ensurdecedoras que a montanha vomita ao interior da Sicília. O poeta de Aetna faz exatamente isso. Como afirma na abertura da obra, Aetna mihi ... carmen erit (1-4). Embora isso decerto signifique “o assunto de meu poema será o Etna”, significa literalmente “o Etna será meu poema” ou, inversamente, “meu poema será o Etna”. O poema em si se torna o monte — seus sons são os de Tritão “canoro” (Tritone*

<sup>42</sup> A expressão “harmonia imitativa” é de MAROUZEAU (1946) 24. Veja-se também, a respeito das impressões produzidas pelo emprego marcado da nasal /m/ na poesia, MAROUZEAU (1946) 29: *La sonorité de l'm, 'littera mugiens', dit Quintilien (XII, 10, 31), convient (...) d'une façon générale à l'expression d'un bruit sourd: Aen. I, 55: magno cum murmure montis/ — 245: uasto cum murmure montis/ — 124: magno misceri murmure pontum. — O som do m, 'littera mugiens', diz Quintiliano (XII, 10, 31), é adequado (...) em geral, para a expressão de um baque: Aen. I, 55: magno cum murmuris / — 245: uasto cum murmur montis / — 124: magno misceri murmur pontum.*

canoro, 293), os versos que fluem são a “canção aquática” do órgão hidráulico (carmine ... irriguo, 296).<sup>43</sup>

Semelhante esforço didático-poético de “presentificação” do objeto descrito aos ouvidos do público que se aproxima do poema a fim de aprender sobre o vulcanismo não deixa de ser evocativo, guardadas as diferenças, de algo que já ocorria em *De rerum natura* 1.820-829<sup>44</sup>. Naquele contexto, as letras e palavras que compõem os ditos de Lucrécio também ilustravam com grande concretude o fator temático de que, na Natureza, os mesmos tipos de átomos podem até dar origem a corpos distintos, bastando haver seu rearranjo. Nesse caso, porém, sobretudo se tratava de algo que o público pudesse *ver* — diversamente do último trecho comentado de *Aetna* —, não tanto ouvir.

#### 4. Conclusão

Os dados apresentados permitem afirmar que *Aetna* corresponde a mais um poema didático antigo em que a exposição de conteúdos, em geral, altamente técnicos se beneficia dos recursos expressivos (como a eficaz elaboração do próêmio, a humanização da Natureza, as comparações e a “corpo-

<sup>43</sup> GLAUTHIER (2011) 114: *Pindar and Longinus bring the spectacle of Aetna to their audiences, turning the words and sounds of their compositions into the fiery debris and deafening shockwaves that the mountain spews into the Sicilian countryside. The Aetna poet does just this. As he states at opening of the work, Aetna mihi... carmen erit (1-4). Although this certainly means “the subject of my poem will be Aetna”, it literally means “Aetna will be my poem” or, conversely, “my poem will be Aetna”. The poem itself becomes the mountain — its sounds are those of the “sonorous” Triton (Tritone canoro, 293), its flowing verses are the “wet song” of the water organ (carmine... irriguo, 296).*

<sup>44</sup> Lucr. 1.820-829: *Namque eadem caelum mare terras flumina/ solem constituunt, eadem fruges arbusta animantis,/ uerum aliis alioque modo commixta mouentur./ Quin etiam passim nostris in uersibus ipsis/ multa elementa uides multis communia uerbis,/ cum tamen inter se uersus ac uerba necessest/ confiteare et re et sonitu distare sonanti./ Tantum elementa queunt permutato ordine solo;/ at rerum quae sunt primordia, plura adhibere/ possunt unde queant uariae res quaeque creari. — Com efeito, os mesmos formam o céu, o mar, as terras,/ os rios e o sol, os mesmos as searas, arvoredos e animais,/ mas se movem agregados em cada qual de um modo./ Além disso, em nossos próprios versos, lá e cá,/ vês muitos elementos comuns a muitas palavras,/ sendo embora necessário admitires que versos e palavras/ diferem entre si, pelo sentido e pelo som que sai./ Apenas mudando sua ordem, tanto podem os elementos;/ mas os que são princípios das coisas mais recursos/ têm, para poderem criar-se coisas variadas.*

rificação” do(s) objeto(s) descrito no texto). Com isso, a obra “suaviza” o contato do público com as teorias expostas e permite-lhe dispor dos temas do curso de vulcanologia em maior proximidade, para seu entendimento.

Também importa notar que, comportando-se das formas que descrêvemos, em termos compositivos, o anônimo autor dessa obra não atua em um vácuo, mas, antes, recupera criativamente procedimentos que já foram caros a importantes expoentes do didatismo em Roma, a exemplo dos próprios Lucrécio e Virgílio geórgico. Assim se estabelece, então, diante de verdadeira teia de poetas afins, a possibilidade de divisarmos a tessitura de *Aetna* de maneira mais clara, porque em cotejo com toda uma tradição das Letras de Roma.

### Referências

- BERRINO, N. F. (2011), “Commento”: [Virgilio] (2011), *Etna*. Verbania, Tararà, 53-113.
- CONTE, G. B. (2011), “Nostalgie di un illuminista”: *Etna*. Verbania, Tararà, 5-10.
- DALZELL, A. (1996), *The criticism of didactic poetry — essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto, Toronto University Press.
- DEL BAÑO, F. M. (2007), “Poesia ‘menor’ — siglos I y II d.C.”: C. CODOÑER (coord.), *Historia de la Literatura latina*. Madrid, Cátedra, 449-492.
- DE VIVO, A. (1992), “Il proemio dell’*Aetna* pseudovirgiliano”: C. SANTINI; N. SCIVOLETTO (coord.), *Prefazioni, prologhi, proemi di opere tecnico-scientifiche latine*. Roma, Herder, vol. II, 663-681.
- GALE, M. (2003), *Lucretius and the didactic epic*. London, Bristol Classical Press.
- GALE, M. (1996), *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GLAUTHIER, P. (2011), *Science and Poetry in Imperial Rome — Manilius, Lucan, and the Aetna*. New York, Graduate School of Arts and Sciences at Columbia University.
- GOODYEAR, F. R. D. (1984), “The *Aetna* — thought, antecedents and style”: Wolfgang HAASE (coord.) (1984), *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin, Walter de Gruyter, Band 32.1, Teil II, 344-363.
- HESÍODO (2013), *Os trabalhos e os dias*. São Paulo, Hedra.
- HOMERO (2015), *Ilíada*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- HOMERO (2015), *Odisseia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- JAEGER, W. (2003), *Paideia — a formação do homem grego*. São Paulo, Martins Fontes.
- LVCRETI (2009), *De rerum natura*. Oxonii, E Typographeo Clarendoniano.
- MAROUZEAU, J. (1946), *Traité de stylistique latine*. Paris, Les Belles Lettres.
- MURLEY, C. (1947), “Lucretius, *De Rerum Natura*, Viewed as Epic”: *TAPhA*, 78 (1947) 336-346.
- PAISLEY, P. B.; OLDROYD, D. R. (1979), “Science in the Silver Age — *Aetna*, a Classical Theory of Volcanic Activity”: *Centaurus*, 23, 1 (1979) 1-20.
- PERUTELLI, A. (2010), “O texto como professor”: G. CAVALLO; P. FEDELI; A. GIARDINA (coord.) (2010), *O espaço literário da Roma Antiga — vol. I, a produção do texto*. Belo Horizonte, Tessitura, 293-327.
- RUSSELL, D. A. (1990) (ed.), *An Anthology of Latin Prose*. New York, Cambridge University Press.
- TOOHEY, P. (1996), *Epic lessons — an introduction to ancient didactic poetry*. London and New York, Routledge.
- VASCONCELLOS, P. S. (2001), *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo, Humanitas/FAPESP.
- VASCONCELLOS, P. S. (2014), *Épica I*. Campinas, Unicamp.
- VILLAS, T. P. C. (2015), “O atroz uso da tortura como instrumento para obtenção de informações”: *Aequitas — Revista de la Facultad de Ciencias Jurídicas*, 9, 9 (2015) 1-21.
- VIRGILE (1998), *Géorgiques*. Paris, Les Belles Lettres.
- VIRGÍLIO (2016), *Eneida*. São Paulo, Editora 34.
- [VIRGILIO] (2011), *Etna*. Verbania, Tararà.
- VOLK, K. (2005), “*Aetna* oder wie man ein Lehrgedicht schreibt”: N. HOLZBERG (coord.), *Die Appendix Vergiliana — Pseudepigraphen im literarischen Kontext*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 68-91.

\*\*\*\*\*

**Resumo:** Neste artigo, discutimos como se articulam a exposição de conteúdos técnicos vinculados à vulcanologia, na obra romana chamada *Aetna*, e alguns recursos poéticos de que seu autor anônimo se serve com maestria. Dessa maneira, a elaboração cuidada do proêmio seduz e facilita a “entrada” do público no texto, enquanto a antropomorfização da Natureza, as comparações e a evocação sonora do monte Etna no poema são recursos que facilitam o entendimento das teorias “científicas” expostas ou aproximam o inusitado conteúdo do público.

**Palavras-chave:** poesia didática; Etna; teoria “científica”; expressividade; tradição.

**Resumen:** Discutimos en este artículo el modo como se articulan, en la obra romana titulada *Aetna*, la exposición de contenidos técnicos relacionados con la vulcanología y algunos recursos poéticos de que se sirve con gran maestría su anónimo autor. De esa forma, la cuidada elaboración del proemio seduce y facilita la “entrada” del público en el texto, mientras que la antropomorfización de la Naturaleza, las comparaciones y la evocación sonora del monte Etna en el poema son recursos que facilitan la comprensión de las teorías “científicas” expuestas, o bien acercan el insólito contenido al público.

**Palabras clave:** poesía didáctica; Etna; teoría “científica”; expresividad; tradición.

**Résumé :** Dans cet article, nous discutons comment s'articulent, dans l'œuvre romaine appelée *Aetna*, l'exposition de contenus techniques liés à la volcanologie et certaines ressources poétiques que son auteur anonyme maîtrise magistralement. Ainsi, l'élaboration soignée du proème séduit le public et facilite son « entrée » dans le texte, alors que l'anthropomorphisation de la nature, les comparaisons et l'évocation sonore du mont Etna dans le poème sont des ressources qui facilitent la compréhension des théories “ scientifiques ” exposées ou rapprochent ce contenu insolite du public.

**Mots-clés :** poésie didactique ; Etna ; théorie “ scientifique ” ; expressivité ; tradition.